

**FILOSOFIA, CIÊNCIA E EDUCAÇÃO
EM NEWTON DE MACEDO E LEONARDO COIMBRA**

António Martins da Costa¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo fundamental refletir de que modo a filosofia, a ciência e a educação se podem e devem relacionar. Por outro lado, levantar questões epistemológicas e éticas é outro grande objetivo nosso. Embora Leonardo Coimbra e Newton de Macedo tenham perspetivas filosóficas diferentes, o certo é que ambos defendem uma aproximação e um diálogo sistemáticos naquelas áreas do saber. Ou seja, a filosofia, a educação e a ciência devem contribuir para a formação integral do homem, tendo em vista a formação do carácter, o livre pensamento e a criatividade.

Palavras-chave: Filosofia, Ciência, Educação, Crítica, Liberdade.

Abstract: The fundamental goal of this paper is to reflect how the philosophy, science and education can and must be related. On the other hand, raise epistemological and ethical questions, is another major goal. Although Leonardo Coimbra and Newton de Macedo have different philosophical perspectives, the fact is that both argue an approach and a systematic dialogue in those areas of knowledge. In other words, philosophy, education and science should contribute to the integral development of man, in order a development of character, free thinking and creativity.

Keywords: Philosophy, Science, Education, Critical, Freedom.

¹ Doutor em Filosofia pela Universidade Católica Portuguesa (Centro Regional de Braga) – Portugal. Investigador e Secretário do Conselho de Direção do Centro de Estudos do Pensamento Português da Universidade Católica Portuguesa (Centro Regional do Porto) – Portugal. E-mail: amacosta@porto.ucp.pt

1. Considerações iniciais

A filosofia, a ciência e a educação/ensino não devem estar afastadas da vida e dos homens. O ensino deve sempre lançar nos espíritos os valores fundamentais que presidem à formação integral do homem. Por isso mesmo, para Newton de Macedo (1894-1944) e para Leonardo Coimbra (1883-1936) é fundamental submeter os valores que o passado nos legou a uma configuração e a uma crítica racional, no sentido de procurar novos caminhos e novos instrumentos axiológicos, científico, filosóficos e pedagógicos que nos permitam chegar a uma definição e a uma atitude mais edificante e mais construtiva. Face aos novos desenvolvimentos científicos há que tomar uma atitude diferente. Os valores até então instituídos faliram ou pelo menos mostraram-se insuficientes para fazer face às novas realidades surgidas pelo desenvolvimento científico e tecnológico. Assim, o desenvolvimento da ciência e a intensificação da atividade científica nos séculos XIX e XX manifestaram, segundo Newton de Macedo e Leonardo Coimbra, o prodigioso progresso científico, a autonomia alcançadas por vários domínios da experiência, até então submetidos à tutela do pensamento religioso e filosófico e numa altura em que a autonomização das ciências em geral, em relação à filosofia, se impunha.

2.A Educação e a formação dos cidadãos

Face ao insucesso do dogmatismo científico e ao determinismo, que procuravam moldar toda a realidade ao padrão das ciências naturais, havia naturalmente de criar alternativas gnosiológicas e epistemológicas capazes de dar resposta aos novos desafios e desenvolvimento da ciência. Para Leonardo não há fatalismos ou determinismos. Para este pensador a fatalidade é a perda do sentido total do valor cósmico da vida, que arrastaria a queda das forças criadoras². Todas as formas de determinismo mais não são do que tentativas de tirar à ideia de liberdade o poder de se realizar, ficando como uma simples ilusão de consciência³. É só pela liberdade que o homem pode atingir a mais alta ligação moral tão importante para Leonardo Coimbra e Newton de Macedo, naquilo que diz respeito à educação. Assim, a educação deve contribuir para formar o carácter. Por isso, todo o ato livre

² Cf. COIMBRA, Leonardo. *Obras Completas*. V. I (tomo I e II); II; III; IV; V (Tomo I e II); VI, VII, e VII. Lisboa: INCM, 2004-2015. Idem. *Op. cit.* V. III, p. 178. [A partir de agora citado, em nota de rodapé: LC, v. p.].

³ Cf. LC, v. III, p. 172.

tem que ser a expressão íntegra e perfeita do carácter do agente. Eis a primeira condição de liberdade de carácter⁴. A filosofia como órgão de liberdade cumpre plenamente este objetivo.

É isso que no fundo Newton e Leonardo vão fazer. Os dois autores concordam quanto ao diagnóstico e quanto à terapia a seguir. Ou seja, a filosofia tem que funcionar como uma pedagogia. Só modificando a estrutura mental das gerações presentes é que conseguiremos radicalmente criar um dinamismo funcional, que rompendo com o espírito de rotina, torne possível uma ampla valorização das energias das gerações futuras. Só criando personalidades individuais conseguiremos criar a personalidade coletiva⁵. Por isso, a importância que Newton e Leonardo dão ao ensino e à educação.

Neste aspeto, Leonardo acentua um elemento que vai ser recorrente em todo o seu discurso filosófico e político, que é o problema da educação como algo de fundamental na formação do carácter de qualquer cidadão⁶. Para se criar uma nação forte, una e progressista é necessário criar um sistema educativo que crie cidadãos intervenientes, ativos, criativos e críticos. Sendo o pensamento o criador da liberdade, “a educação é a máxima força de progresso e renovação”⁷. O homem não pode estar preso e ser escravo do seu passado. Tem que ser um elemento ativo e não passivo da História. Só desta forma se pode transformar e reformar as sociedades. Só pelo pensamento livre é que os homens e os povos se podem libertar. Como diz Leonardo:

A verdadeira educação deve ter em vista a criação/formação do carácter, pelo acordo de todas as faculdades. Deve criar pensadores e não eruditos, cérebros instrumentos de conhecimentos e não cérebros depósitos de erudição (COIMBRA, v. I, t. I, 2004, p. 129).

A educação não deve formar um exército de papagaios e meninos prodígios. O que Leonardo deseja é que qualquer cidadão, independentemente do seu estatuto social, tenha acesso, pela educação, a formar um pensamento livre, autónomo e crítico. Qualquer cidadão, só o pode verdadeiramente ser se formar um espírito crítico. Por isso, diz Leonardo:

Lançar nos espíritos vulgares uns tantos conhecimentos científicos, cujo valor e alcance filosófico não suspeitam, é fabricar esses pedantes cínicos que todos conhecemos, recitando fórmulas abstratas (COIMBRA, v. I, t. I, 2004, p. 128).

⁴ Cf. LC, v. I, t. I, p. 127.

⁵ MACEDO, Newton. *Obra Completa*, “A Crise Moral e a ação pedagógica”, dissertação à Escola Normal Superior de Lisboa, 1917. V. I, Porto: UCE, 2014, p. 74.

⁶ Cf. LC, v. I, t. I, p. 46.

⁷ LC, v. I, t. I, p. 128.

A Educação permite formar cidadãos que conheçam a realidade toda e não apenas parte dela. Deve criar um mundo em que os homens não vivam afastados uns dos outros, a produzirem discursos de beleza oca, mas homens que tenham uma palavra a dizer sobre os diferentes problemas que afetam uma determinada sociedade e que tenham a capacidade de, forma fundamentada, encontrar em conjunto as soluções para esses mesmos problemas. E isto só se consegue, segundo Leonardo e Newton, pela educação para os valores, onde a inteligência e o amor vão de mãos dadas.

Assim, a educação tem que habilitar o cidadão com faculdades de pensamento crítico que se prolongam para a vida futura do homem. Faculdades teóricas e de ação, em vez «do automatismo de todos os atos e de catálogos de todos os conhecimentos». Por isso, o processo ensino/aprendizagem deve ser o mais amplo e aberto possível, uma vez que, só assim se pode educar para a liberdade e para a cidadania, no sentido mais profunda que este conceito encerra. A educação parece-nos, assim, muito importante e oportuna na economia do pensamento leonardino, quanto mais que «A educação dá a medida da liberdade humana». Para Leonardo,

De facto, nas nossas sociedades, a educação transmite, mas seleccionando, a cultura da raça e da espécie. Ela é, por isso, a medida do alcance da nossa liberdade na determinação do futuro. É costume dizer-se que uma educação faz um povo e é também costume responder-se que um povo faz uma educação (COIMBRA, v. I, t. I, 2004, p. 193).

Ora, sabemos que um povo é feito de tradição e esta só é possível pela transmissão e enriquecimento dessa tradição por via da educação. Ou seja, a educação é um verdadeiro fator de unidade social e de transmissão de cultura, construindo um povo mais consciente de si, da sua identidade e da tradição a que pertence. Pôr um povo a pensar, a trabalhar e a amar deve ser de facto a tarefa de qualquer sistema educativo. Por isso mesmo, Leonardo e Newton defendem que através do conhecimento, da educação, da ciência e do esforço pessoal pela defesa dos valores espirituais, é possível um maior entendimento na universalização dos valores nacionais, bem como com a uma superior unidade e mais amplo enlace, ascendendo a uma luz espiritual imperecível.

Para estes dois pensadores, à escola compete o principal papel de reconstrução e modificação das mentalidades e da personalidade coletiva. Newton de Macedo em “A Pedagogia científica e o problema dos valores”, a propósito de Claparède, afirma que a educação tem sempre um fim. Esse fim é educar para os valores. Por isso, afirma também,

que “o pedagogo implicitamente aceita um sistema de valores, faz filosofia sem o saber”⁸. Aliás, “a verdadeira educação, a que todo o sistema escolar deve ministrar, só existirá se o educador tiver diante de si um ideal bem definido”⁹. Assim, cai o mito de que sozinha, apenas entregue ao seu ritmo natural, o aluno realizará plenamente a sua personalidade. Ora, esta só pode ser construída a partir de um conjunto de valores sociais sólidos e de uma autonomia partilhada responsável, em que o aluno se sinta impelido a construir algo de novo, com os conhecimentos que adquiriu ao longo da sua vida. No fundo, a educação, como afirma Newton de Macedo e Leonardo Coimbra, tem como fim último tornar os homens mais livres. Para Leonardo a verdadeira educação deve ter em vista a criação/formação do carácter.

O processo de ensino-aprendizagem deve ser o mais amplo e aberto possível, uma vez que só assim se pode educar para a liberdade e para a cidadania, no sentido mais profundo que este conceito encerra. No fundo, a educação, para Leonardo e Newton, deve criar cultura ativa, não sendo “possível desenvolver a atividade cultural sem que o espírito faça cultura, nem pode este possuir cultura sem o fazer”¹⁰. Leonardo defende que através da educação, da ciência e do esforço pessoal pela defesa dos valores espirituais é possível um maior entendimento entre os povos, na defesa dos valores universais.

Liberdade e espiritualidade devem, assim, ser o fruto natural desse contexto mais aberto ao mundo dos valores em que o ser humano deve viver e descobrir continuamente. O que Newton de Macedo e Leonardo Coimbra preconizam é a construção de uma sociedade mais humana, “através do crescente domínio do humano sobre si próprio”¹¹.

3. Filosofia, Ciência e Pedagogia

A ação pedagógica acompanha este objetivo, ao tornar o ensino mais profícuo e mais eficaz a ação do homem em sociedade, sobretudo naquilo que diz respeito à ação valorativa e axiológica. A crise de valores reveste, assim, ainda mais o carácter urgente desse ensino, exatamente por haver uma falta absoluta de valores coletivos. Tanto Newton de Macedo como Leonardo Coimbra têm consciência que a melhor forma de resolver este problema é encará-lo de frente, reconhecer a sua complexidade e não enveredar por visões reducionistas e

⁸ MACEDO, Newton. “A Pedagogia científica e o problema dos valores, 1931”. *Op. cit.*, v. II, p. 162.

⁹ *Ibidem*, p. 163.

¹⁰ LC, v. VI, p. 171.

¹¹ BAPTISTA, Pedro. *A Pluralidade na Escola Portuense de Filosofia: O pensamento moral e político de Newton de Macedo*. Lisboa: INCM, 2010, p. 339.

simplistas. As soluções simplistas são, na perspectiva de Newton de Macedo, geralmente «tão cómodas como falsas e incompletas».

Uma destas visões simplistas, que vinha de uma certa visão positivista do saber, foi a separação entre ciências e letras, ciências formais e ciências reais, que para os dois pensadores não faz qualquer sentido. Outra visão simplista é aquela que tem a ver com o próprio processo de ensino-aprendizagem. Ou seja, a crença que o aluno pode aprender só por teoria, sem prática e que é possível aprender só por memória, decorar, e que a compreensão é uma faculdade posterior. Estas visões simplistas do ensino têm como resultado mais simplismos, indisciplina mental e intolerância às opiniões dos outros, para além de uma atrofia da atividade criadora, impedindo, deste modo, o desenvolvimento do espírito crítico, a livre iniciativa e a solidariedade. Por isso, as pessoas que são ensinadas neste contexto de valores são mais individualista, egoístas, e raramente têm uma utilidade social alargada.

Contra o carácter formalista da educação e de uma educação divorciada da escola da vida, há que formar para os valores éticos e morais. A filosofia deve assim ser propedêutica de uma formação mais ampla e profunda, que apele aos valores, à criatividade e a uma formação integral do homem. A ciência, como resultado de um trabalho de racionalização do dado empírico, deve também apelar à criatividade, à importância da hipótese e da teoria. Esses erros, resultantes dessas visões simplistas, viciam todo o discurso pedagógico e, segundo Leonardo, coisificam o pensamento e a ação. Para um pensamento filosófico criacionista todas as ciências são reais e ideais, real e ideal vivem juntos.

Para estes dois pensadores, a filosofia é muito mais que uma «poesia de conceitos». A filosofia e a ciência são autenticamente duas formas de criatividade, de racionalização da realidade e de construções de noções. Não são puras intuições como defendia Bergson. O intuicionismo na sua forma mais pura, formal e abstrata, nega-se a si próprio, ao negar a especulação, a criatividade humana, e o dinamismo mental criador. A filosofia, “confrontando-se entre si, e cada uma como o estado atual do desenvolvimento científico, ela mostrará a íntima correlação da ciência e da filosofia, e o carácter provisório das suas conclusões”¹². Esta ânsia de racionalização, fruto desse dinamismo mental criador, permite ao homem uma flexibilidade mental, promovendo a imaginação e um desenvolvimento de uma linguagem mais complexa e rica, que faz do ser humano um ser qualitativamente diferente dos restantes animais. Esta atitude, anticóisista, como lhe chama Leonardo Coimbra, é essencialmente anti petrificante, contra a cristalização e fixidez das coisas e da visão do mundo.

¹² MACEDO, Newton. *Op. cit.*, v. I, p. 84.

Esta atitude capacita o homem, além do mais, para uma atitude moral, assente em princípios éticos bem sólidos, exigindo que a própria escola e o ensino assumam a sua total responsabilidade, no sentido de formar pessoas para uma autêntica e verdadeira cidadania, aumentando a consciência moral coletiva dos cidadãos.

Filosofia, ciência e educação não estão assim tão afastadas como se julga. Bem pelo contrário. Dentro da sua diversidade metodológica e de conteúdo, comungam este desiderato comum: contribuir para uma atitude pedagógica e um trabalho de reflexão crítica. Nenhuma pode substituir a outra, mas todas trabalham para o mesmo objetivo. A filosofia, “antes do esforço de organização científica, começa a exercer a atividade conceptual do pensamento, organizando na unidade dos conceitos, mais ou menos concretos, a diversidade das percepções”¹³. Ou seja, a filosofia tem um trabalho de reflexão crítica sobre os conhecimentos científicos, tendo como fim mostrar não apenas o seu valor de verdade, mas também o seu valor de realidade, orientando a sua ação não só por questões meramente conceptuais como por questões práticas, tocando aqui com o trabalho da ciência, mas diferenciando-se dela pela reintegração dos conceitos científicos na realidade.

A atitude autenticamente filosófica é marcada para Newton de Macedo por três momentos fundamentais do pensamento: o estético, o científico ou lógico e o ético-religioso. Estes três momentos são as únicas diretrizes da ação criadora da atividade espiritual, que enriquecendo a realidade, a si própria se vai enriquecendo também¹⁴. A filosofia é a síntese viva desses três momentos da atividade espiritual. Por isso também, a filosofia, tanto em Leonardo Coimbra como em Newton de Macedo, é uma síntese viva da atividade criadora espiritual. Tem uma função de depuração da ciência, trazendo para a ciência e para o conhecimento em geral uma espécie de ordem universal, onde a personalidade humana, a morte, a dor, o sofrimento, o pecado, a alegria, a angústia e a liberdade não sejam apenas pretextos e peças ínfimas das preocupações do homem, mas que sejam dimensões humanas, antropológicas fundamentais, constitutivas do pensar do homem. Esta dimensão humana, que toda a filosofia e toda a pedagogia devem ter em conta, é essencial para humanizar as relações humanas, face ao gélido indiferentismo social que paira nas sociedades modernas.

Assim, esta função integradora, holística, não é desconhecida por Newton de Macedo, bem pelo contrário. A unidade da ciência, da filosofia, da psicologia e da pedagogia tem também um alcance moral. Ou seja, a função integradora do espírito, tem que ser

¹³ MACEDO, Newton. “Introdução à Filosofia. Seu significado e valor, 1926”. *Op. cit.*, v. II, p. 224.

¹⁴ *Ibidem*, p. 367.

autenticamente real. É graças a ela que o homem é um homem que “não pode cantar nem adorar sem pensar, nem mesmo praticar nenhuma ação que não seja a realização dum pensamento”¹⁵.

A luta da filosofia e de alguma maneira da ciência é, para Newton de Macedo, “um ato permanente de fé nessa racionalidade das coisas, uma contínua luta contra a irracionalidade aparente”¹⁶. Por isso, a filosofia não se limita a constatar a realidade representada, mas procura interpretá-la, compreendê-la, e conhecer a sua estrutura conceptual, para agir e construir uma outra realidade que seja mais inteligível e coerente. À filosofia compete, segunda Newton de Macedo, “promover esse regresso à realidade concreta, enriquecida agora pela ação fecunda do pensamento”¹⁷. O mesmo defende Leonardo Coimbra.

Aqui, Leonardo acentua um elemento que vai ser recorrente em todo o seu discurso filosófico e enquanto político, que é o problema da educação como algo de fundamental na formação do carácter de qualquer cidadão¹⁸. Para se criar uma nação forte, una e progressista é necessário criar um sistema educativo que crie cidadãos intervenientes, ativos, criativos e críticos. Sendo o pensamento o criador da liberdade, “a educação é a máxima força de progresso e renovação”¹⁹.

A pedagogia leonardina e newtoniana tem em vista, igualmente, as leis gerais de psicologia, uma vez que esta lhe fornece os meios, e amoral, que determina o fim, no sentido de se atender às características psicológicas individuais e totais e à moral prática, que olhará à possível perfeição e virtude de cada educando²⁰. Não esquecendo a educação familiar, a rua e a escola. Por isso também é importante ter em conta o meio cultural em que esse ensino e esse processo educativo se desenvolve e aparece. Sem estes elementos, a tarefa da educação é mais difícil, uma vez que aparecem todo o tipo de interesses que, conjugados, perturbam a necessária imparcialidade, complicando e desvirtuando a verdade. Assim, todo o ensino que tenha em conta apenas a vertente técnica ou económica, esquecendo os elementos teórico e axiológicos estruturantes da educação, faz com que o processo educativo “deixe a sua verídica missão de processo educativo, voltando-se em instrumento de imediata e exclusiva adaptação à vida económica”²¹.

¹⁵ *Ibidem*, p. 367.

¹⁶ *Ibidem*, p. 367.

¹⁷ *Ibidem*, p.370

¹⁸ Cf. LC, v. V, t. I, p. 46.

¹⁹ LC, v. I, t. I, p. 128.

²⁰ Cf. *Ibidem*, p. 193.

²¹ LC, v. I, t. I, p. 193.

A importância de uma filosofia crítica e de uma ciência com consciência é fundamental para que todo o processo educativo se faça à luz de princípios rigorosos e com uma amplitude que não exclua nada mas que tenha em conta tudo. Se assim não for, a mera utilidade imediata desvia a filosofia e a própria ciência do seu fim. Tanto a ciência como a filosofia resultam, a seu modo, de um trabalho de elaboração teórica e de racionalização crítica da experiência imediata. Consequentemente, o valor pedagógico encontra-se também no estudo da História, da Literatura e das Artes. Reduzindo tudo a um mero cientismo, redutor, despreza-se essa parte viva do espírito humano, produzindo efeitos perniciosos difíceis de acabar ou mesmo esbater. Esses efeitos podem ter duas consequências:

Ou o pensamento científico se apodera de toda a vida mental e, empobrecendo o espírito, o deforma; ou fica essa parte da alma humana profundamente separada da outra e, estando de um lado a ciência e de outro lado a vida. Ou o sábio monstro de gabinete, sem alma, sem amor e sem afetos; ou o homem duplo; lógico no seu gabinete de estudo, pré-lógico, supersticioso e inconsciente na rua (COIMBRA, v. I, t. I, 2004, p. 194).

Há coisas que podem ser economicamente inúteis, mas sublimes do ponto de vista moral e da beleza humana, porque educam para a tolerância, a solidariedade, o amor e o respeito pela pessoa humana. No dizer de Leonardo,

a tolerância, base do amor, só pertence às individualidades ricas, progressivas, de permanente indagação e esforço. / A educação querendo o homem livre, tem de lhe dar a possibilidade de reflexão pessoal. Para isso precisa não o esmagar sob uma erudição sem sentido, nem o perder na luta dos diferentes modos do pensamento humano, apenas incompatibilizados pelo desconhecimento do seu lugar hierárquico na cultura (COIMBRA, v. I, t. I, 2004, p. 231).

E tudo isto se faz integrando filosofia, psicologia, história das religiões, literatura, ciência, arte e moral, etc. As ciências e a filosofia pretendem abranger todo o real, contudo, nunca podem cair num intelectualismo fossilizado, nem num pragmatismo empírico, mas aquilo a que Leonardo chama de criacionismo, ou seja, criação de conceitos científicos e simbólicos, artístico, e até religiosos, sem nunca esgotarem o real, mas sempre o organizam sob as mais altas aspirações do espírito²².

Newton de Macedo a este respeito nunca esquecerá que face a uma psicologia atomista, e isolacionista, se deve ter em conta essencialmente uma psicologia da totalidade,

²² Cf. LC, v. I, t. I, p. 230.

mais complexa e que, por isso mesmo, é mais compreensiva, mais larga e profunda na sua análise²³. Na sua obra, *As Novas Tendências da Psicologia Experimental. A teoria da forma*, Newton tem disso consciência, ao contrapor a teoria da Forma, Gestalt («Teoria da Gestalt») ao atomismo reinante nas ciências da natureza e, por tabela, depois na psicologia experimental, afirmando que já não é suficiente para a compreensão dos fenómenos psicológicos reconhecer as simples ligações empíricas entre os diferentes elementos sensoriais, mas tem que se admitir que é necessário ter em conta funções psíquicas superiores, mais complexas e para isso é igualmente necessária uma compreensão mais abrangente, mais global e integradora, como se disse anteriormente.

A psicologia dos processos psíquicos superiores não constitui, assim, para a «Teoria da Gestalt» um capítulo à parte: os processos psíquicos superiores, como formas de pensamento são formas idênticas. Entre as formas de percepção e as formas de pensamento não existe uma diferença de natureza. Ou seja, entre o mundo da percepção e o mundo do pensamento, mantêm-se as mesmas formas e os mesmos processos dinâmicos que se revelam nos diferentes planos da vida psicológica²⁴. Deste modo, era preciso compreender todos esses fenómenos utilizando uma nova linguagem. Assim, surgem termos como totalidade, estrutura, complexo, elaboração ativa, forma, etc., em vez de isolamento, atomismo, dualismo, etc. É a partir desta nova linguagem que Newton de Macedo vai de alguma medida revolucionar a educação e a pedagogia em Portugal. Por isso mesmo, Leonardo e Newton defendem que através do conhecimento, da educação, da ciência e do esforço pessoal pela defesa dos valores espirituais, é possível um maior entendimento na universalização dos valores nacionais, bem como com a uma superior unidade e mais amplo enlace, ascendendo a uma luz espiritual imperecível.

4. A formação do espírito crítico: teoria e prática

Assim, também para Leonardo Coimbra, a filosofia é «o órgão da liberdade». Bastava esta afirmação para definir com clareza o propósito e o mundo deste filósofo. Este mundo é, para ele, o da mobilidade, da criatividade, da espontaneidade de interioridade inesgotável e de infinitas possibilidades do pensamento. Esta liberdade define-se, também, por ser uma «liberdade perante a nossa liberdade, consciência perante a nossa consciência». Isto significa

²³ Cf. MACEDO, Newton. “As Novas Tendências da Psicologia Experimental. A teoria da Forma, 1933”. *Op. cit.*, v. II, p. 67.

que, para Leonardo, a liberdade é uma forma de enraizamento interior que afirma que o espírito humano é criador, que não é uma inutilidade num mundo feito, mas o obreiro dum mundo a fazer. Ou seja, a liberdade não é assumida apenas de um modo teórico, ou conceptual, mas é dirigida para a ação. Para Leonardo, “A pessoa dirige-se, na ação, pelo pensamento envolvendo a posição e a escolha dos motivos e a resolução, quando essa escolha é feita integralmente”²⁵.

A ideia de liberdade do século das Luzes é assumida por Leonardo Coimbra de uma maneira muito empenhada, e esforçada, até por influência kantiana. «Ser livre é autodeterminar-se». Por outro lado, ser livre não é um dado, algo que se recebe sem esforço, mas é um processo dialético permanente de construção e de realização concreta na vida das pessoas. Também para Newton de Macedo a luta pela liberdade interior não se faz sem trabalho e esforço. Para que o homem seja verdadeiramente autónomo, o homem tem que se libertar das experiências mais imediatas. É preciso muita força espiritual para se proclamar o seu próprio legislador. Contudo,

passo a passo no plano humano ou no «plano divino da realidade», a persistência do esforço libertador vai proporcionar a substituição da moral filonómica (exterior), por uma outra, liberta de determinações naturais e divinas, que assuma a razão como única fonte decisória em matéria moral. Criavam-se as condições para surgir a moral ontológica” (BAPTISTA, 2010, p. 317-318).

Por isso, a liberdade não é uma simples ideia, mas é uma ideia fazendo-se ação, é em si mesmo um ativo sistema de ação. A este respeito diz Leonardo:

A teoria é a prática mediata no seu mais intenso grau coordenador. Por ela o homem possui a previsão e domínio material e espiritual. Ela é o núcleo do homem livre, ou pessoa, que a sociedade coopera com outras pessoas, o máximo de justiça e felicidade (COIMBRA, v. I, t. II, 2004, p. 395).

A teoria e a prática, teoria e ação é igualmente valorizada por Newton de Macedo como se viu. A teoria surge, em ambos os autores em causa, como uma espécie de guia, a dirigir a prática, o que de todo se coaduna com a vida em geral. A vida tem sempre um plano teórico e outro prático, que a coordena, permitindo fazer previsões, e até um certo domínio sobre o mundo. Por isso, a filosofia e a educação devem ser orientadas pela teoria e pela prática. Leonardo Coimbra a este respeito é mais explícito que Newton de Macedo. Leonardo,

²⁵ LC, v. I, t. II, p. 219.

em “O problema da Educação”, afirma que a teoria e a prática são fundamentais, tanto para a especulação filosófica, como para a teorização e a prática científica e até para a ação estética e moral. “Deste modo, a prática mantém com a teoria relações mais íntimas e complexas – é a relação da teoria para a pessoa, que por essa relação é a pessoa criadora e livre”²⁶. Aliás, “a primeira educação deve ser artística, e as próprias virtudes morais só podem ser dadas à criança pelas implícitas intimações de harmonia estética”²⁷. Pela educação o homem é verdadeiramente livre em ação e progresso.

Por isso mesmo, a filosofia, em Leonardo Coimbra e em Newton de Macedo, estão em plena sintonia uma com a outra. A filosofia deve promover a criatividade, a atitude crítica e o livre pensamento. Devem promover a autonomia e a responsabilidade dos indivíduos, tanto no sentido da responsabilidade individual como no sentido da responsabilidade coletiva, social, ou seja, devem promover uma sociedade solidariedade, coesa. A filosofia tem este objetivo, que é restabelecer a unidade dos diversos saberes²⁸. A filosofia tem que estar ligada à vida. A filosofia seria uma espécie de «propedêutica», que exige e pressupõe noções de ciência, de psicologia, de história, de lógica, etc.

A filosofia crítica é, por isso, mais compreensiva, é igualmente valorizada pelos dois autores. Como se dizia anteriormente, referindo-nos a Leonardo, a educação não deve só criar pessoas eruditas, mas pessoas com capacidade reflexiva. Assim, é preciso não só valorizar a memória mas sobretudo a compreensão e a análise crítica. A filosofia não pode deixar de seguir o seu caminho, que é o caminho da reflexão crítica, comprometida com a história, com o homem e com os desígnios mais elevados da educação. E este aspeto, de extrema importância, é comum aos dois autores em estudo. O facto de dizer que a filosofia deve promover o sentido crítico não significa que a filosofia fique reduzida a um interminável discurso meramente especulativo.

Ora, a filosofia leonardina e newtoniana, enquanto exercício crítico não se pode poupar ao trabalho de construção de saberes e de encontrar soluções concretas para problemas concretos. A filosofia, ao assumir este papel unificador, tem que pretender ultrapassar antigas fórmulas de pensamento que em nada ajuda o pensamento criacionista e inovador, tão importante para o progresso e o avanço do saber. Por outro lado, essa capacidade de unir, e criar pontes entre os saberes, é fundamental para diluir as cisões que podem existir entre realidade e pensamento, entre o homem e a natureza e o mundo. Só assim se pode criar um

²⁶ LC, v. I, t. II, p. 395.

²⁷ LC, v. III, p. 101.

²⁸ Cf. BAPTISTA, Pedro. *Op.cit.*, p. 464.

ensino e uma educação holística e integradora do homem, que abra o homem para os outros numa comum solidariedade e para uma formação ética e moral integral. Por isso mesmo, ambos os autores em estudo valorizam a dimensão existencial do homem, enquanto experiência única e singular, e de uma complexidade que não se reduz a uma mera explicação materialista e orgânica, embora neste aspeto Leonardo Coimbra vá mais longe que Newton de Macedo.

Neste sentido, a filosofia leonardina é sempre uma reflexão acerca do homem e das suas possibilidades, afirmando, tal como Newton de Macedo, mas mais do que ele, a individualidade, sem rejeitar, antes acentuando a fenomenalidade da dimensão social do homem. Sendo a filosofia, para ambos os autores, a própria atividade do espírito, é também uma atividade continua contra qualquer tentativa de coisificar os conceitos e o pensamento. Por isso mesmo, a filosofia enquanto propedêutica, deve dar ênfase cada vez maior à abordagem do real todo, necessariamente, enquanto vitalidade criativa e fruto daliberdade desse mesmo espírito. Aliás, em Newton de Macedo a liberdade é o fim mesmo da educação. Em Leonardo também o é, mas a liberdade aqui atinge um valor metafísico e de transcendência que em Newton não nos parece de todo querer atingir. Mas ambos os autores têm uma ideia muito concreta acerca do homem e das suas possibilidades, uma vez que consideram que o homem do ponto de vista da existência ontológica é sempre um ser aberto, não se podendo, nas palavras de Leonardo, encerrar na sua concha, ou seja, na sua clausura egoísta.

O homem é, assim, um ser profundamente espiritualista, não se reduzindo a uma dimensão meramente materialista e positivista. Por outro lado, o projeto do homem é um projeto histórico, social e de construção coletiva. Só deste modo o homem consegue desenvolver-se inserido na linguagem e no pensamento. A dimensão histórica e social permite ao homem desenvolver capacidades e potencialidades que de outro modo não seria possível. Assim, a sociedade adquire um alto valor para o indivíduo porque o eleva da consciência individual à consciência coletiva e à noção pessoa²⁹. Toda a filosofia assume-se, deste modo, como antropologia filosófica, no sentido que é uma compreensão e uma interpretação do homem, da existência humana e da vida. É o facto de estes autores conceberem o homem como pessoa e não só como indivíduo que faz com lhe confira uma dignidade superior. Não há pessoa sem pessoas. O homem é um ser profundamente relacional, de convivência. Não há assim a possibilidade de coisificar o homem, uma vez que não se anula o indivíduo nem se

²⁹ Cf. LC, v. I, t. II, p. 262.

anula o seu ser social, acentuando ainda mais a dimensão humanista das suas filosofias e das suas pedagogias.

5. Considerações finais

Newton de Macedo e Leonardo Coimbra fazem uma crítica mordaz aos propósitos do cientismo. Embora valorizem a ciência e o progresso científico, afirmam que a ciência não esgota a realidade e que há muito mais realidade do que aquela que a ciência nos dá. As hipóteses metafísicas podem não ter o mesmo grau de certeza que as hipóteses científica, mas nem por isso têm menos valor e alcance antropológico e impacto social. Contudo, ambas as hipóteses devem estar sujeitas ao perpétuo fluir e ao critério dinâmico que preside a toda a atividade criadora humana. Ambas estão sujeitas à crítica e à dialética viva duma atividade perpetuamente inventiva, que não se esgota nunca por completo nas noções que se vão criando³⁰.

Por isso mesmo, para Leonardo Coimbra e Newton de Macedo, ninguém deve desprezar e separar estas três áreas do saber – filosofia, ciência e educação –, muito menos encerrá-las numa impenetrável concha de mistério ou misticismo. Como sabemos, ninguém pode ensinar o que não sabe, ou sabe mal. Mas também ninguém pode ensinar o que sabe bem de qualquer maneira, daí a importância da pedagogia e da didática. Estes dois pensadores sabem que a vida é dinâmica, ação e luta e a melhor arma para a vitória é a filosofia, a ciência e a educação.

Determinar o lugar destes saberes é fundamental na economia geral da cultura e do desenvolvimento das nações. Filosofia, ciência e educação são como que três irmãs que concorrem para o mesmo concurso. Ou seja, permitem uma compreensão mais vasta do mundo, para sedimentar as identidades nacionais e são um campo vasto de reflexão e de experiência, trabalhando numa tridimensionalidade integral que possibilita uma visão holística da realidade.

³⁰ Cf. MACEDO, Newton. “Introdução à Filosofia. Seu Significado e Valor”. *Op. cit.*, v. I, p.367-368.

Referências bibliográficas

BAPTISTA, Pedro. *A pluralidade na Escola Portuense de filosofia: O pensamento moral e político de Newton de Macedo*. Lisboa: INCM, 2010.

BERGSON, Henri. *Œuvres*. Paris : PUF, 1970.

COIMBRA, Leonardo. *Obras Completas*. V. I – 1903-1912, (I e II), 2004; V. II – 1913-1915, 2005; V. III – 1916-1918, 2006; V. IV – 1919-1921, 2007; V. V – 1922-1933, (I, II), 2009; V. VI – 1924-1932, 2010; V. VII – 1935, 2012; V. VIII – 1936. Lisboa: INCM, 2014.

COSTA, António Martins da. *O Pensamento Filosófico Português Contemporâneo: A recepção de Kant em Leonardo Coimbra*. Porto: UCE, 2012.

MACEDO, Newton. *Obra Completa*. V. I – Filosofia; V. II – Psicologia; V. III – História. Porto: UCE, 2014.